



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 28/03/2025 e 03/04/2025

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

urante **ENDEREÇO:** RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560  
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL  
FONE: (55) 0\*\*55 3332-0487 FAX: (55) 0\*\*55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>28/03/2025</b>	10,23	293,50	45,16	5,28	4,53
<b>31/03/2025</b>	10,14	292,70	44,89	5,37	4,57
<b>01/04/2025</b>	10,34	293,30	47,44	5,40	4,61
<b>02/04/2025</b>	10,29	287,20	48,60	5,39	4,57
<b>03/04/2025</b>	10,11	288,00	47,06	5,36	4,57
<b>Média</b>	<b>10,22</b>	<b>290,94</b>	<b>46,63</b>	<b>5,36</b>	<b>4,57</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	125,00	
RS – Não Me Toque	125,00	
PR – Pato Branco	119,50	
PR – M.C.Rondon	116,00	
MT – C.N.Parecis	105,00	
MS – Maracaju	119,00	
GO - Rio Verde	114,00	
BA – L.E.Magalhães	113,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	72,00	CIF
Porto de Paranaguá	SC	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	69,00	
SC – Rio do Sul	72,00	
PR – M.C.Rondon	64,00	
PR – Pato Branco	72,00	
MT – C.N.Parecis	76,00	
MS – Maracaju	76,00	
SP – Itapetininga	86,00	
SP – Campinas	87,00	CIF
GO – Rio Verde	73,00	
GO – Jataí	73,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	73,00	
RS – Não Me Toque	75,00	
PR – Pato Branco	80,00	
PR – M.C.Rondon	80,00	

Período: 02/04/2025

SC=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 03/04/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	70,64	127,38	73,67

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
03/04/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	78,73
Feijão (saco 60 Kg)	215,00
Sorgo (saco 60 Kg)	61,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	7,49
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,68**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,83

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Fevereiro/25, cf. Cepea/Esalq

(\*\*\*) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

## MERCADO DA SOJA

O primeiro mês cotado para a soja, em Chicago, na esteira do relatório de intenção de plantio nos EUA, subiu um pouco na arrancada da semana, porém, não se sustentou. Assim, o fechamento desta quinta-feira (03/04) ficou em US\$ 10,11/bushel, contra US\$ 10,16 uma semana antes. A média de março fechou em US\$ 10,05/bushel, correspondendo a um recuo de 3,4% sobre a de fevereiro. Para comparação, em março de 2024 a média havia sido de US\$ 11,79/bushel.

Efetivamente, o relatório de intenção de plantio confirmou o esperado pelo mercado e reduziu a futura área de soja nos EUA. A mesma deverá recuar 4% em relação ao ano anterior, ficando em 33,8 milhões de hectares, dentro do esperado pelo mercado. Em compensação, os estoques trimestrais, na posição 1º de março, ganharam 4% sobre o mesmo período do ano anterior, alcançando 52 milhões de toneladas.

Por sua vez, o mercado sente o tarifaço imposto por Donald Trump ao mundo, a partir de anúncios feitos com maior precisão no último dia 02/04. A soja estadunidense poderá perder mercado, especialmente na China, o que enfraquece as cotações e, junto com estoques maiores, por enquanto anula os efeitos altistas da redução de área a ser semeada. A partir de agora, o clima nos EUA passa a ser um elemento central de influência nas cotações da oleaginosa, já que o plantio deverá iniciar no final de abril e continuar durante o mês de maio.

Vale ainda destacar que a relativa firmeza do grão, em Chicago, se deve, em muito, ao forte aumento no valor do óleo de soja, estimulado pela possibilidade de um maior uso de biodiesel nos EUA. De fato, nesta semana a cotação da libra-peso, naquela Bolsa, subiu 9,9%.

E na Argentina, os agricultores locais passaram a vender sua soja no mais lento ritmo em 10 anos. Isso se deve à expectativa de que a moeda local se desvalorize ainda mais, enquanto podem vir isenções fiscais por parte do governo Milei. Lembrando que a Argentina é o maior exportador mundial de farelo e óleo de soja. Por enquanto, os produtores do vizinho país teriam vendido entre 17% e 18% apenas de sua nova safra que começa a ser colhida.

Pelo sim ou pelo não, diante de um governo errático, os agricultores argentinos vivem um forte momento de incertezas. Tal situação atrapalha o governo local, pois a soja é a principal fonte de dinheiro estrangeiro do país, principalmente por meio de exportações de óleo de soja processado e farelo. Nesta semana o peso argentino estava em 1.070 por dólar, equivalendo, ao câmbio atual, a R\$ 0,005. Os produtores igualmente olham com atenção o imposto de exportação, atualmente em 26% e 24,5% para a soja e seus derivados óleo e farelo, respectivamente. Alguns produtores esperam que Milei cumpra as promessas de cortá-las ainda mais após uma redução temporária até junho (cf. AcSoja).

Soma-se a estas preocupações o fato de que a redução do nível do rio Paraguai, mais uma vez, vem atrasando as barcaças que transportam soja paraguaia para as moageiras instaladas na região de Rosário (Argentina). Com isso, a moagem atrasa e a oferta de farelo e óleo de soja diminui momentaneamente, inclusive para exportação, ajudando a elevar o valor do óleo em Chicago. As exportações de soja do Paraguai

caíram 14,2% nos dois primeiros meses de 2025, em comparação com o mesmo período de 2024 (cf. Reuters).

E aqui no Brasil, os preços da oleaginosa até baixaram um pouco, porém, o viés é de estabilização. O prêmio cedeu um pouco e o câmbio se manteve ao redor de R\$ 5,70 por dólar, fato que ajudou no comportamento dos preços internos. Assim, enquanto a média gaúcha fechou a semana em R\$ 127,38/saco, as principais praças locais trabalharam com R\$ 125,00 no balcão. No restante do país os valores giraram entre R\$ 105,00 e R\$ 119,50/saco nos principais locais de comercialização.

Dito isso, diante de uma demanda mundial mais aquecida, especialmente por parte da China, o Brasil deve ter batido um recorde de exportação de soja no primeiro trimestre do ano. Segundo consta, “as tradings brasileiras carregaram 22,8 milhões de toneladas de soja em navios no acumulado do ano até 25 de março, sendo que 17,7 milhões de toneladas foram para a China” (cf. Agrinvest). Vale destacar que os embarques para a China refletem ainda compras antecipadas de 33 milhões de toneladas feitas pelos chineses até dezembro do ano passado.

Importante se faz destacar que a China, independentemente da atual guerra comercial imposta pelos EUA, vinha importando muito mais soja do Brasil do que da América do Norte. Isso vem aumentando desde a primeira guerra comercial imposta por Trump, no já distante 2018. Segundo a Anec, em janeiro e fevereiro do corrente ano a China recebeu 79% das exportações brasileiras de soja, contra 75% no mesmo período do ano passado.

Enfim, a colheita da atual safra da oleaginosa brasileira chegou a 82% da área semeada, contra 79,3% na média histórica (cf. Pátria AgroNegócios e AgRural). Especificamente no Paraná, a mesma atinge a 95% da área, enquanto no Centro-Oeste, ela está concluída em grande parte da região. Já no Rio Grande do Sul a colheita atingia a 24% da área até o dia 27/03, contra 22% na média dos últimos cinco anos (cf. Emater).

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, viram o primeiro mês registrar um leve aumento semanal, mesmo com o aumento de área a ser semeada nos EUA, segundo o relatório de intenção de plantio que saiu dia 31/03. O fechamento da quinta-feira (03) ficou em US\$ 4,57/bushel, contra US\$ 4,50 uma semana antes. A média de março ficou em US\$ 4,54/bushel, sendo 6,8% menor do que a média de fevereiro. Em março de 2024 a média havia sido de US\$ 4,29/bushel.

Já o referido relatório indicou um aumento de 5% na área estadunidense a ser semeada com milho a partir deste mês. A mesma deverá atingir a 38,6 milhões de hectares. Em contrapartida, os estoques trimestrais, na posição 1º de março, foram reduzidos em 2%, em relação ao mesmo período do ano anterior, ficando em 207,1 milhões de toneladas.

E aqui no Brasil, os preços do cereal se estabilizaram, com recuos pontuais, porém, o viés de alta se mantém até, pelo menos, a colheita da safrinha a partir de junho. A

média gaúcha fechou a semana em R\$ 70,64/saco, enquanto as principais praças locais trabalharam ao redor de R\$ 69,00. Por outro lado, no restante do país os preços oscilaram entre R\$ 64,00 e R\$ 86,00/saco.

Por enquanto, a Conab projeta a segunda safra nacional de milho em 95,5 milhões de toneladas, com aumento de 5,8% sobre o ano anterior. Mas isso irá depender do clima, atualmente uma incógnita cada vez maior no país, dada as grandes variações pluviométricas ocorridas nos últimos anos. Até o momento, o mesmo está se comportando bem para esta safra, mas ainda é cedo para se tirar conclusões. No Mato Grosso, segundo o órgão público, a safrinha de milho poderá chegar a 46,2 milhões de toneladas, ficando 4,2% abaixo da registrada em 2024. E no Paraná, segundo o Deral, a expectativa é de uma safra ao redor de 15,9 milhões de toneladas, porém, algumas regiões deste estado estão sofrendo com falta de chuvas e muito calor.

Por enquanto, em muitas regiões a oferta de milho está esgotada, levando o produto, no mercado disponível, a ultrapassar os R\$ 90,00/saco. "Os estoques estão muito baixos, quase inexistentes em algumas regiões, como é o caso de Mato Grosso e partes de Goiás. Em Mato Grosso, maior berço de milho do Brasil, não tem milho disponível" (cf. Pátria AgroNegócios).

Diante disso, se não vier uma segunda safra a contento, os preços do milho podem subir ainda mais no segundo semestre, particularmente no final do ano. Muito irá depender, então, dos volumes a serem exportados pelo país.

Por enquanto, as estimativas de produção final de milho no país giram entre R\$ 121 e 130 milhões de toneladas. Lembrando que a primeira safra já não foi totalmente como se projetava, diminuindo a nova oferta na arrancada do ano.

Ainda no Paraná, os técnicos do Deral começam a revisar para baixo a produtividade esperada na segunda safra, devido ao clima, podendo o Estado não confirmar as 15,9 milhões de toneladas. Enquanto isso, a colheita da primeira safra chegou a 95% da área, a qual é proporcionalmente pequena, atingindo um total de apenas 268.000 hectares, contra 2,6 milhões para a segunda safra.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, subiram um pouco nesta semana. O fechamento da quinta-feira (3), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 5,36/bushel, contra US\$ 5,32 uma semana antes. Já a média de março ficou em US\$ 5,43/bushel, sendo 5,9% menor do que a média de fevereiro. Em março do ano passado, a média havia sido de US\$ 5,42/bushel.

Por enquanto, o impacto de uma redução de 2% na área a ser semeada com o cereal, neste ano, nos EUA, acabou sendo anulado pelo aumento de 14% nos estoques de trigo na posição 1º de março. Assim, enquanto a área ficaria em 18,4 milhões de hectares, a segunda menor área de trigo desde 1919 naquele país, os estoques estariam em 33,7 milhões de toneladas.

Assim como para a soja e o milho, aqui igualmente a guerra comercial imposta por Trump é nociva aos preços, pois tende a levar os EUA a perderem mercados externos para o seu trigo.

Por sua vez, notícias vindas da Rússia dão conta de que as exportações de trigo poderão registrar o seu segundo menor volume histórico em um ano. Nesse sentido, a produção de trigo deverá ficar em 80,3 milhões de toneladas em 2025/26, após uma primeira projeção de 81,5 milhões em novembro passado. Em se confirmando, a futura safra será menor do que os 81,3 milhões que teriam sido colhidos em 2024/25 (cf. Argus Media in: Forbes).

Já na Austrália, a produção de trigo deve recuar 16% no ano 2025/26, que se inicia em 1º de julho. Há uma expectativa de fortes secas futuras em algumas regiões de importante produção do cereal naquele país da Oceania. A Austrália deverá produzir, então, 28,6 milhões de toneladas de trigo no próximo ano comercial australiano, contra 34,1 milhões na safra atual.

Por outro lado, o USDA aponta que os estoques mundiais de trigo deverão recuar, no final de junho próximo, para 260,1 milhões de toneladas, sendo este o menor nível em nove anos.

Enquanto isso, o Ministério da Agricultura da Ucrânia limitou as exportações de trigo 2024/25 a 16,2 milhões de toneladas, sendo que as mesmas já alcançaram quase 13 milhões. Portanto, a Ucrânia exportará pouco trigo daqui em diante, até findar o atual ano comercial.

Enfim, no Brasil, o trigo de qualidade continua em alta. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 73,67/saco, havendo regiões praticando R\$ 75,00. Já no Paraná o produto passou a R\$ 80,00/saco nas principais praças.